

NOVA ESPÉCIE DE *ECDEMUS* (Herrich-Schaeffer, 1854)

(Lep. — *EUCHROMIIDAE*)

D O R

LAURO TRAVASSOS FILHO

No material colhido em julho pela Expedição do Clube Zoológico à localidade de Salobra, no sul do Estado de Mato-Grosso, noroeste do Brasil, deparei com um exemplar, cujos caracteres genéricos coincideram perfeitamente com os do gênero *Ecdemus* HERRICH-SCHAEFFER, 1854, a não ser em um pequeno detalhe que discutirei mais abaixo.

HAMPSON, 1898, redescrivendo o gênero, dá como caráter principal R^1 e R^2 originando-se da célula; na espécie em questão, R^2 não se origina na célula, mais de próximo dela, pelo que não tive dúvidas em colocá-la no gênero de HERRICH-SCHAEFFER; no caso da espécie tipo, bem como em outra do mesmo gênero que tive oportunidade de examinar, saem as R^1 e R^2 da célula, e as outras R^s são pecioladas, originando-se de pontos muito próximos, a longa distância do ângulo superior da célula, formando uma figura, lembrando bem um tridente; na minha espécie, a R^1 sai da célula, mas a R^2 , não o faz, discordando da diagnose, mas o seu ponto de origem está a cerca de 0,14 mm. adiante do ângulo superior. e sem o auxílio do microscópio dir-se-ia que se originava do próprio ângulo; as outras R^s reproduzem a figura típica do genotipo, a cerca de 1,9 mm. do ângulo superior da célula, ponto este bastante longe do ângulo citado, e por este fato, resolví considerá-la neste gênero, frizando aqui, que o gênero *Ecdemus* pode apresentar a nervura R^2 originando-se fora da célula. Este dado é reforçado com a presença absoluta de todos os demais caracteres genéricos. Infelizmente, não disponho de material de *Ecdemus hypoleucus* HERRICH-SCHAEFFER, 1854, espécie tipo do gênero, e como a sua genitália ainda não foi descrita, torna-se impossível uma melhor verificação da minha parte, si de fato é a nova espécie que proponho um *Ecdemus*, pois, em casos semelhantes só esta parte poderia, em definitivo, resolver a questão.

Ecdemus pereirai, n. sp.

♂ **CÔR GERAL:** inteiramente preto, com faixas cinzento-claras nos espaços internevulares da porção apical da asa anterior, em ambas as faces.

DIMENSÕES: comprimento total do corpo: 7 mms., cabeça: 1 mm. de comprimento por 1,9 mms. de largura; tórax: 2,5 mms. de comprimento por 2,3 mms. de largura; abdômen 3,5 mms. de comprimento por 1,77 mm. de largura, na base.

DESCRIÇÃO: Cabeça inteiramente preta, com exceção de poucas escamas cinzento-claras na parte superior da fronte, junto aos olhos e na parte externa do segmento basal das antenas. Palpos negros, atingindo o vértice da cabeça, o terceiro artículo ligeiramente porreto (fig. 1). Antenas (figs. 2, 3, 4 e 10) inteiramente pretas, com exceção das já citadas escamas do primeiro segmento, com cêrca de 49 artículos, medindo cêrca de 7,13 mms. de comprimento. Os artículos são ramificados, com exceção dos 2 primeiros e dos 9 últimos; estas ramificações, ou apófises, mais ou menos dilatadas nas extremidades, são maiores no lado externo dos artículos, e pode-se notar que, no terceiro artículo basal, só há apófise do lado externo, sendo que só a partir do quarto é que aparecem em ambos os lados; atingem as apófises o seu máximo desenvolvimento entre os artículos 14 e 21 e medem as maiores cêrca de 0,51 mm. de comprimento, para as externas, e cêrca de 0,49 mm. de comprimento para as internas; a partir do artículo 22 vão as apófises diminuindo progressivamente até ficarem reduzidas a pequenos cones, nos artículos 40 a 41, não mais existindo nos últimos; estas ramificações apresentam uma grande cerda terminal, 2 subterminais, e outra mais abaixo destas duas últimas; além destas, possuem grande número de cerdas menores, como pode-se ver pela fotografia (fig. 10); no artículo, na base de cada apófise, encontra-se uma outra cerda bem desenvolvida; nos últimos artículos, todas estas cerdas se agrupam, dando um aspecto curioso, como pode-se ver na fotografia (fig. 4). Além do que já foi assinalado, são as antenas revestidas densamente de escamas lanceoladas, de côr preta. Último artículo termina em processo agudo.

TÓRAX: Tégula e patagia negras; segmentos negros. Pernas inteiramente pretas, com exceção de poucas escamas cinzento-claras na extremidade apical externa, das coxas média e posterior; na face externa das coxas anteriores nota-se, com iluminação oblíqua, um brilho iridescente,

semelhante ao que se verifica em um bloco de cobre aquecido ao rubro. Tibia anterior medindo cerca de 2 mms. de comprimento e com uma grande epífise foliácea, medindo cerca de 1.04 mm. de comprimento; tibia média com um par de espinhos apicais, moderados e recobertos de escamas pretas; tibia posterior com 2 pares de espinhos, um apical e outro sub-apical, também moderados e recobertos de escamas pretas. Tarsos de tipo comum, com garras simples, providas de paroníquios flabeliformes. Asas transparentes, recobertas regularmente de pêlos delgados, relativamente longos, voltados para cima, sendo a sua distribuição mais intensa para os bordos. As nervuras são recobertas de escamas pretas, lanceoladas, algumas chanfradas na extremidade, em número abundante, o que confere à nervura um caráter compacto. Muito característica é a faixa marginal constituída por escamas pretas; na asa anterior, que tem na base um tufo de longas escamas pretas, a faixa se inicia abrangendo as nervuras costal, sub-costal e o tronco radial, deixando entre as duas últimas um pequeno espaço transparente, logo adiante do seu ponto inicial; dêste modo, isto é, ocupando toda a área, do tronco radial até a margem anterior, ela se prolonga até cerca de 1,2 mm. da nervura discocelular, e daí expande-se para dentro da célula, tomando o seu limite interno a direção da origem da M^2 , e, atingindo êste ponto, acompanha a nervura até que, a cerca de 1 mm. da margem externa, volta-se quasi em ângulo reto, e dêste modo toda a área apical é ocupada pela faixa marginal; da M^2 , a faixa desce, estreitando-se para o tornus, mas, antes de alcançá-lo expande-se um pouco para dentro da asa, na altura da Cub^2 . Na margem interna, ocupa a faixa, toda a área que vai de uma falsa nervura, situada acima da nervura anal, até o bordo da asa. Esta falsa nervura, nasce aproximadamente no meio da distância compreendida entre o tronco médio-cubital e a nervura anal; dêste ponto, avança inicialmente para cima, mas logo depois vai se abatendo até atingir o bordo externo da asa, tocando a nervura Cub^2 a cerca de 1,2 mm. da margem. A faixa marginal, como já disse no início, é toda preta, apresentando porém, da sua parte apical para o tornus, grandes zonas recobertas por escamas branco-argêntas, formando como que manchas ou pinceladas, situadas entre as nervuras, sendo a de maior extensão a que fica situada entre R^5 e a M^1 , e a última está situada entre as capitais. Estas manchas são muito típicas, e são mais visíveis com iluminação oblíqua. Na face inferior, tanto a faixa marginal como as manchas branco-argêntas, se correspondem exatamente, como se pode ver pelas fotografias (figs. 5 e 6). Na asa posterior a faixa marginal inicia-se ocupando toda a área costal, estendendo-se até abaixo do tronco

subcosto-radial, sendo que, junto à inserção da asa, chega a faixa até o tronco médio-cubital, e daí o limite interno vai ter à origem da M^2 , e, acompanhando esta nervura, chega ao bordo externo, logo abaixo do ápice da asa; dêste ponto até quasi a terminação da Cub^2 , a faixa marginal é estreita, tendo porém uma larga franja de longas escamas pretas, a maioria chanfrada no ápice. Na Cub^2 a faixa marginal se expande para dentro, formando uma larga mancha preta, situada entre esta nervura e a A^1 , mancha esta que no seu lado interno tem uma reintrância em forma de dente de serra; depois de A^1 a faixa estreita-se um pouco, mas antes de atingir a margem interna, torna a se expandir para dentro, formando uma larga mancha preta, situada entre esta nervura e a margem interna, saem longos pêlos pretos que aumentam de muito a franja da asa (fig. 13); na margem interna, a faixa é estreita. Há ainda de curioso, o fato de ser a pubescência da asa pósterior muito intensa na metade posterior da área anal.

NERVULAÇÃO: Asa anterior: Sc termina acima da origem de R^2 ; R^1 tem origem na célula, bem antes do ponto de fusão da nervura transversal ou discocelular com o tronco radial, ponto êste chamado também de ângulo superior da célula, indo terminar antes da origem de R^3 ; R^2 pedunculada com as outras radiais, tem origem a cerca de 0,14 mm. depois do ângulo superior da célula, divergindo neste ponto da diagnose genérica, e que já tive oportunidade de discutir no início do trabalho; esta nervura vai terminar depois da origem de R^4 ; R^3 tem origem a longa distância de R^2 , a cerca de 1,9 mm., terminando antes do ápice da asa; R^4 e R^5 separam-se logo depois da origem de R^3 , tendo assim um curto pecíolo, e reproduzindo a figura de um tridente, como em outras espécies do gênero, fato êste que assinala no início do trabalho (figs. 11 e 12); R^4 prolonga-se direita para frente e vai terminar antes do ápice da asa, ao passo que R^5 desvia-se para baixo no início, para então dirigir-se diretamente para o bordo da asa, atingindo-o justamente no ápice. A nervura transversal, ao contrário da maioria dos eucromídeos, forma um ângulo de abertura voltada para dentro, e, dêste ângulo parte a M^1 , que, com ligeiras sinuosidades atinge o bordo da asa; o ramo da transversal ou discocelular que está em relação como tronco médio-cubital faz, antes de encontrá-lo, uma pequena reentrância para o interior da célula (figura 12), o que só se percebe com augmento bastante forte; dêste ponto origina-se a M^2 que esboça uma curva para cima, aproximando-se bastante da M^1 , para depois afastar-se até ganhar o bordo; cerca de 0,8 mm. abaixo da origem de M^2 está a origem de M^3 que se dirige diretamente para o bordo; é curioso notar que os pontos de origem desta nervura e

o da R^1 correspondem-se na mesma altura; cêrca de 1,1 mm. abaixo da origem de M^2 , está o ponto de partida de $M^4 + \text{Cub}^1$, que se dirige para o bordo da asa, mais ou menos paralelamente a M^3 ; Cub^2 origina-se a cêrca de 0,8 mm. abaixo da precedente e dirige-se para o bordo da asa, que atinge antes do tornus, fazendo no seu percurso uma larga curva de concavidade voltada para cima; do ponto de origem de Cub^2 , o tronco Médio-cubital dirige-se para o ponto de inserção da asa, aproximando-se do tronco radial, antes de terminar. A nervura anal, A, inteiramente coberta pela faixa marginal, dirige-se diretamente para o bordo da asa atingindo-o precisamente no tornus. Asa posterior: $\text{Sc} + \text{Rs}$ e M^1 com longo e forte pecíolo, que tem o comprimento de cêrca de 2 mms.; $\text{Sc} + \text{Rs}$ atinge o bordo da asa um pouco antes do ápice, e M^1 o faz exatamente no ápice. A nervura transversal é muito delgada na sua parte mediana e faz um pequeno ângulo de abertura voltada para fora; M^2 inicialmente paralela ao pecíolo de $\text{Sc} + \text{Rs}$ e M^1 , guardando neste ponto, um intervalo de cêrca de 0,22 mm.; M^3 tem origem a cêrca de 0,27 mm. abaixo da precedente e, mais ou menos na mesma altura; Cub^1 tem origem a cêrca de 0,8 mm. abaixo de M^3 , mas agora em altura bem afastada; Cub^2 tem origem a cêrca de 0,76 mm. da precedente; esta mesma nervura dirige-se diretamente para o bordo da asa, mas antes de tocá-lo, faz uma ligeira curva para o ápice da asa. A curiosa disposição do tronco Médio-cubital e da origem de suas nervuras, dá um aspecto típico à célula, aliás bem semelhante ao da asa anterior, e dêste modo apresenta-se a célula, não mais com os ângulos dados pela nervura transversal ou discocelular, ou sejam os ângulos superior e inferior, mas sim com vários, e de cada um parte uma nervura, com exceção do ângulo mediano da nervura transversal, no que difere do mesmo ângulo da asa superior. A nervura A^{1+2} de tipo comum, sendo quasi fundida a uma falsa nervura formada de pêlos e escamas pretas, situada acima dela, falsa nervura esta que se alarga fortemente antes de tocar a faixa marginal; A^3 também de tipo comum, paralela à margem interna, limitando assim uma área que é recoberta de escamas e longos pêlos pretos, constituindo a porção terminal da faixa marginal. Frênulo bem desenvolvido, com cêrca de 1,83 mm. de comprimento, tendo mais da metade basal de côr castanho escura quasi preto, sendo bem mais claro, na porção apical. Afim de facilitar estas descrições dou além de fotografias das asas, (figs. 11 a 14) esquemas da nervulação de ambas as asas, sendo que, da anterior nos limitamos à parte das radiais, que são as de maior interêsse; foram êstes esquemas feitos sôbre as fotografias, apagadas depois.

ABDÔMEN: É bem característico, pois apresenta-se totalmente negro, sem exceção de parte alguma (figs. 7, 8 e 9). No primeiro segmento temos os 2 lobos laterais, semelhantes aos descritos para outras espécies; o segundo segmento e parte basal do terceiro, apresentam-se dilatados ventralmente, formando uma saliência, bem representada na fotografia (fig. 7). No segmento terminal, lateral e dorsalmente, encontram-se tufos de longas escamas pretas, sendo os laterais mais desenvolvidos (figs. 7 e 8); êste segmento terminal, que é o oitavo, tem o tergito mais desenvolvido que o esternito, e, a êste, vem se prender a parte distal da armadura que sustenta um par de órgãos odoríferos, idênticos ao que descreví para *Corematura chrysogastra* (Perty, 1834), em 1938; a armadura fica situada na cavidade abdominal, correspondendo ao sétimo segmento, e abre-se na face ventral, junto à inserção do sétimo com oitavo; cada órgão odorífero é constituído por um cone de ápice globoso, tendo em toda área longos pêlos que lhes dão aspecto característico; pela compressão interna êstes órgãos podem ser exteriorizados. Nas fotografias temos, em primeiro (fig. 15) uma vista dorsal e ao mesmo tempo de conjunto, e na segunda (fig. 16) temos uma vista da parte ventral, onde vê-se, graças à excelente fotografia, a armadura quitinosa, os dois cones, parte principal do órgão, e a abertura ventral, por onde saem os pêlos da extremidade dos cones.

GENITÁLIA: É muito característica nesta espécie. No seu estado natural fica completamente retraída para dentro da cavidade abdominal e dêste modo é inteiramente camuflada pelos feixes de escamas longas do oitavo segmento abdominal (fig. 7). Assim tive de início dúvida a cerca do sexo do exemplar, o que só foi esclarecido quando retirei a extremidade do abdômen e a tratei devidamente.

Em relação ao oitavo segmento, não há *uncus* (1). Nono segmento bastante reduzido, principalmente o tergito; apresenta êste uma grande chanfradura mediana (fig. 25) que se inicia lateralmente junto à sua inserção no segmento anterior, aprofundando-se na parte mediana até quasi atingir o bordo posterior do esclerito; esta chanfradura tem de característico os seus bordos, que são muito espessados. Vínculos e sacus muito reduzidos, formando o último uma espécie de carena logo atrás da inserção dos hárpagos, como pode-se ver pela figura 23. O nono esternito está representado apenas por uma placa quitinizada, situada entre as bases da inserção dos hárpagos, servindo de ponto de apóio ao funil,

(1) Em outros trabalhos foi, erradamente, usado para o 10.º tergito, o termo "uncus".

como pode-se ver claramente nas figuras 23 e 24. Os HÁRPAGOS, que, como já disse vêm se inserir na metade ventral deste segmento, isto é, o nono, são característicos, bem desenvolvidos, medindo cêrca de 1,62 milímetros de comprimento. Na base, estão unidos ventralmente por um delgado ligamento quitinoso, que na sua parte mediana é perfeitamente transparente, como pode-se ver pela figura 24. Dirigem-se diretamente para fora, terminando em ponta com várias saliências, sendo todo bem quitinizado, mais intensamente nas extremidades; harpa ausente, mas apresenta, próximo a sua extremidade livre, um processo digitiforme, que tem origem na sua parte inferior, dirigindo-se depois para trás, acompanhando a extremidade do hárpago, como pode-se ver nitidamente nas figuras 17, 18 e 23 a 28. Este processo bem menos quitinizado que o restante da peça, tem uma superfície completamente irregular, sendo recoberto de grandes escamas e de longas cerdas; mede cêrca de 0,4 mm. de comprimento. Encontrei êste processo em hárpago de outra espécie do mesmo gênero, o que me fez pensar em ser ele um ótimo caráter genérico; nas figuras 26, 27 e 28 dou diversos aspectos do processo em questão. As extremidades dos hárpagos ficam voltadas para dentro, formando uma verdadeira pinça; ainda nesta parte encontram-se numerosas e compridas cerdas, principalmente na face interna da sua parte basal, onde chegam a medir cêrca de 0,6 mm. de comprimento, muito visíveis nas fotografias.

Na parte mediana posterior do nono segmento, está o funil, que tem uma forma perfeitamente circular, um verdadeiro anel membranoso que envolve o falosoma, como vê-se bem nas figuras 19, 20 e 24. É todo êle recoberto de pequenos espinhos muito agudos e curtos, voltados para fora; apresenta ventralmente um espessamento na sua parte mais posterior, e dorsalmente há uma zona bem quitinizada (figura 24), verdadeiro esclerito, que julgo ser um vestígio do décimo esternito. FALOSOMA tem também aspecto típico; na figura 21 vemo-lo retraído, tomando a forma de uma pequena clava, tendo a extremidade apical, inteiramente revestida de pequenos espinhos análogos aos do funil, e que contribuem para confundir esta parte com o próprio falosoma, como se vê nas fotografias; quando retraído, a sua parte erétil lhe confere um aspecto muito complexo, e que devido à excelente fotografia deixo de descrever. Quando a sua porção erétil se exterioriza, toma a falosoma o aspecto grosseiro de um ponto de interrogação, como se pode ver na bela fotografia da fig. 22, e nesta posição vemos que a parte espinhosa já referida faz parte da sua porção não erétil, do corpo do falosoma, que mede cêrca de 1,74 mm. de comprimento. A extremidade erétil é

muito delicada, e não conseguí distendê-la por completo; também aqui a fotografia poupou-me a árdua tarefa de descrever êste complexo órgão. O falosoma ocupa uma posição oblíqua, de cima para baixo, ficando na posição normal, quasi que totalmente retraído na cavidade dos últimos segmentos, atingindo mesmo o oitavo, como se ve na fotografia (figura 17).

O décimo segmento acha-se representado exclusivamente pelo tergito (1), que se apresenta sob a forma de uma apófise subcilíndrica, bem quitinizada. Na base alarga-se bastante, articulando-se ao 9.º tergito, apresentando inferiormente uma área desquitinizada regularmente grande. A sua extremidade posterior acha-se voltada para baixo (figuras 17 e 23), terminando em ponta bem aguda e fortemente quitinizada, quasi preta, ficando esta ao nível das extremidades dos hárpagos. Como já disse, há dorsalmente, no funil, uma área bem quitinizada, representada na figura 24, e que me parece ser um vestígio do décimo esternito. Abaixo do 10.º tergito está o anus, que é bastante alongado, ultrapassando mesmo a extremidade do falosoma, como se vê claramente nas fotografias (figs. 19 e 20).

HOLOTIPO: 1 ♂, catalogado sob o número 50.270, nas coleções do Museu Paulista, S. Paulo, Brasil.

LOCALIDADE TIPO, Salobra, sul do Estado de Mato-Grosso, noroeste do Brasil, colhido pela Expedição do Clube Zoológico do Brasi, em 20-23 de julho de 1939.

HISTÓRICO DO GÊNERO: Em 1854 HERRICH-SCHAEFFER descreve o gênero *Ecdemus*, dando os caracteres na chave da parte inicial de sua obra; na outra parte de seu trabalho, publicada em 1855, dá figura de 2 espécies que considera de seu gênero, sendo a primeira de *Ecdemus hypoleucus*, número 420, e a segunda, número 421 de *Ecdemus flavicosta*, que mais tarde passou para outro gênero *Phara* WALKER, 1854.

Em 1892, KIRBY, catalogando o grupo, considera no gênero *Ecdemus* as 2 espécies já citadas, sendo que, para *flavicosta* colocou o signal ? entre os nomes genérico e específico, e assinala ser *hypoleucus* o tipo de gênero, o que não havia sido feito pelo seu autor.

HAMPSON, 1898 dá descrição bem melhor do gênero, considerando nele apenas a espécie tipo.

(1) Em artigos anteriores foi empregado erradamente o termo "uncus" para designar esta parte do 10.º segmento.

Em 1911, SCHAUS propõe uma nova espécie, *obscuratum*, dando curta diagnose.

Neste mesmo ano, 1911, ROTHSCHILD descreve outra espécie, *rubrothorax*, também com pequena diagnose, e no ano seguinte, 1912, propõe *fuliginosa*, incluindo-a no gênero *Heliura* BUTLER, 1876, dando uma descrição absolutamente imprecisa.

ZERNY, 1912, cataloga o gênero, citando 2 espécies, o genotipo e a de SCHAUS.

HAMPSON, 1914, no Suplemento ao seu primeiro catálogo, refere as espécies de SCHAUS e ROTHSCHILD, dando a diagnose de *fuliginosa* um pouco mais extensa e considerando-a no gênero *Ecdemus*.

Em 1915, DRAUDT refere, na parte principal de seu trabalho, o gênero *Ecdemus* com 2 espécies; o genotipo, do qual dá uma figura colorida e a espécie de SCHAUS; no "adenda" assinala as espécies de ROTHSCHILD, dando uma figura de *fuliginosa*, que aliás não corresponde bem à descrição.

DISCUSSÃO TAXINÔMICA: *Ecdemus pereirai* é bem característica, e diferencia-se bem das demais espécies do gênero, a julgar pelas diagnoses, infelizmente muito restritas e baseadas quasi que exclusivamente em caracteres de coloração.

Difere de *hypoleucus* HERRICH-SCHAEFFER, 1855, por ser preta, não apresentando nem a côr branca nos lugares assinalados e nem as nervuras largamente marrons, e por ter manchas branco-argêntneas ou cinzento claras na extremidade apical das asas anteriores; quanto à dimensão corresponde exatamente.

Difere de *obscuratum* SCHAUS, 1911, por não ter a côr branca nem ocrácea referidas, nem a fina salpicação de escamas pretas entre as nervuras Cub^2 e M^1 ; o abdômen é preto inteiramente, havendo mníma diferença quanto ao tamanho. Seu autor não assinalou o sexo, do exemplar em que baseou a descrição, o que foi feito mais tarde por HAMPSON, 1914.

Difere de *rubrothorax* ROTHSCHILD, 1911 por não ter coloração vermelha alguma e por ter na asa posterior, zonas hialinas e área costal inteiramente preta. Em relação ao comprimento da asa anterior não há diferença notável.

Difere de *fuliginosa* (ROTHSCHILD, 1912), espécie da qual mais se aproxima, por não ser a asa anterior cinzento-escura e sim preta com faixas apicais branco-argêntneas, entretanto esta diferença por si não bastaria, visto serem de sexos diferentes os exemplares conhecidos das espécies em questão. Assinala ROTHSCHILD — espaços intraneurais no

disco mais ou menos vítreos — o que é reforçado por HAMPSON, 1914, que diz positivamente: “two semihyaline streaks in cell”, e com isso entende-se uma nervura na célula, certamente uma falsa nervura, dividindo-a, o que não se verifica na minha espécie, que tem apenas uma pequena porção da célula, junto ao seu ângulo superior, ocupada pela faixa marginal; esta é a diferença principal entre as espécies que considero neste parágrafo. HAMPSON, 1914 redescrivendo *fuliginosa*, ao mesmo tempo que a coloca no gênero *Ecdemus*, assinala: — manchas entre as bases das veias 5 até 2 — e que não existem em *pereirai*, sendo que, entre M¹ (6) e M² (5), o espaço é ineiramente preto ocupado pela faixa marginal, com a sua mancha branco-argêntea próxima à margem, e os espaços basais abaixo de M² (5) são inteiramente hialinos como se vê nas fotografias.

Pelos caracteres vistos, creio não haver dúvida alguma sobre a validade de *Ecdemus pereirai*, a não ser que as descrições das espécies existentes, por si só tão diminutas, contenham erros, e neste caso só o confronto dos tipos nos daria uma resposta segura.

A Expedição do Clube Zoológico do Brasil, a que é devida a captura do único exemplar desta nova espécie, foi uma realização de vulto idealizada pelo seu presidente, dr. Clemente Pereira, que tem sido um batalhador incansável pelo progresso da Zoologia entre nós, e por isto me pareceu de máxima justiça dar o seu nome a esta nova espécie, numa pequena e sincera homenagem.

Ao sr. Giro Pastore, fotógrafo do Museu, que não tem poupado esforços para atender ao sério problema da fotografia de detalhes, quero, antes de terminar, expressar os mais leais agradecimentos e felicitações pelas notáveis ilustrações que tão bem vieram documentar a nova espécie, ao mesmo tempo que me evitaram a árdua tarefa de descrever partes complexas.

BIBLIOGRAFIA

- DRAUDT — 1915 — *Syntomidae*, in Seitz, D. Gross.-Schmett. II, 6, pp. 33 — 230, pls. 9 — 31.
- HAMPSON — 1898 — Cat. of the *Syntomidae* in the British Mus., Vol. I, 537 pp.
- HAMPSON — 1898 — Cat. of the *Amatidae* and *Arctiidae*. Supl. vol. I.
- KIRBY — 1892 — A synonymic cat. of *Lepidoptera Heterocera* (Moths.). 952 pp.

ROTHSCHILD — 1911 — New *Syntomidae* in the Tring. Museum. Novit. Zool., XVIII, no. 1, pp. 24 — 45.

ROTHSCHILD — 1912 — New *Syntomidae*. Novit. Zool., XIX, n. 2, pp. 151 — 186.

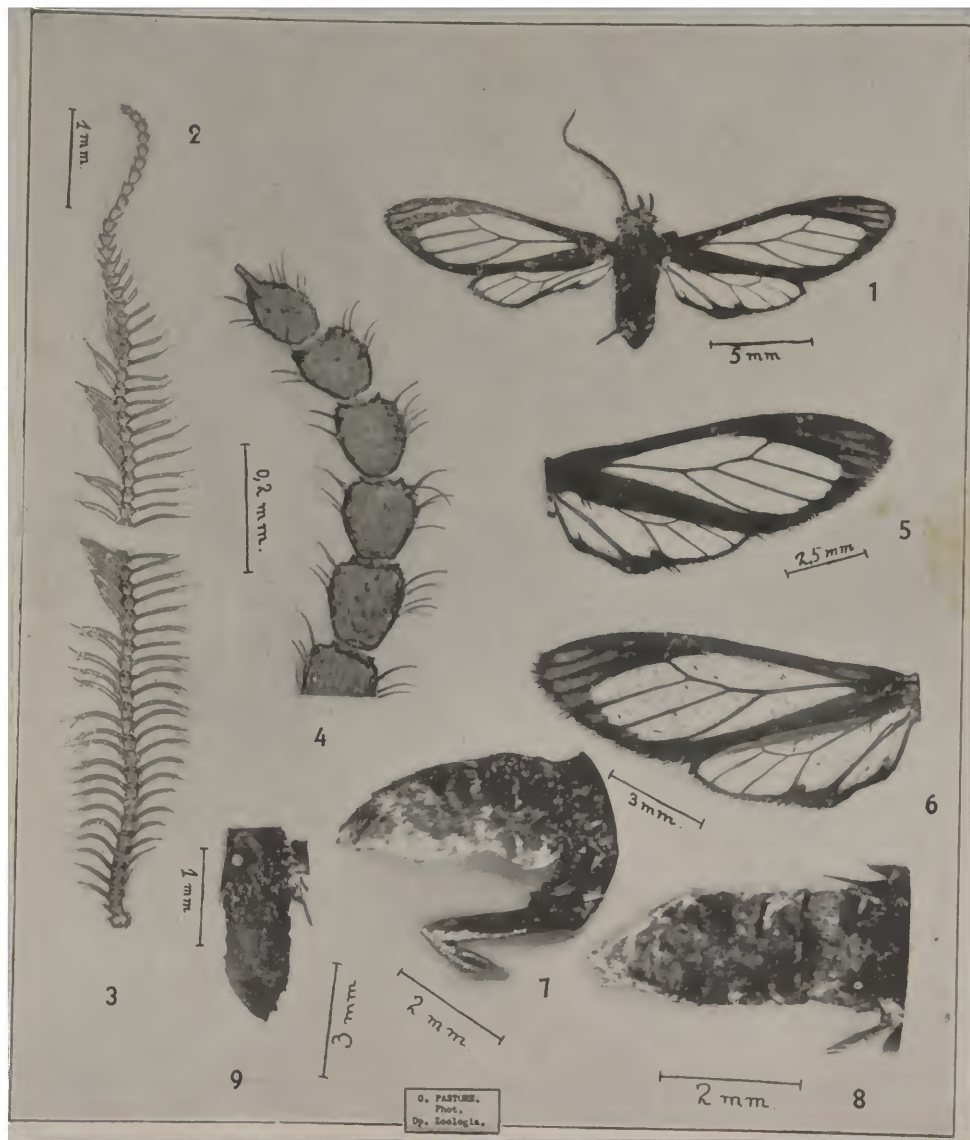
SCHAUS — 1911 — XVII. New species of Heterocera from Costa Rica. Ann. & Mag. Nat. Hist., (8), vol. 7, pp. 173 — 183.

ZERNY — 1912 — *Syntomidae*. Lep. Catalogus, 7, 179 pp..

ZOOLOGICAL RECORD -- Consultado de 1910 a 1937.

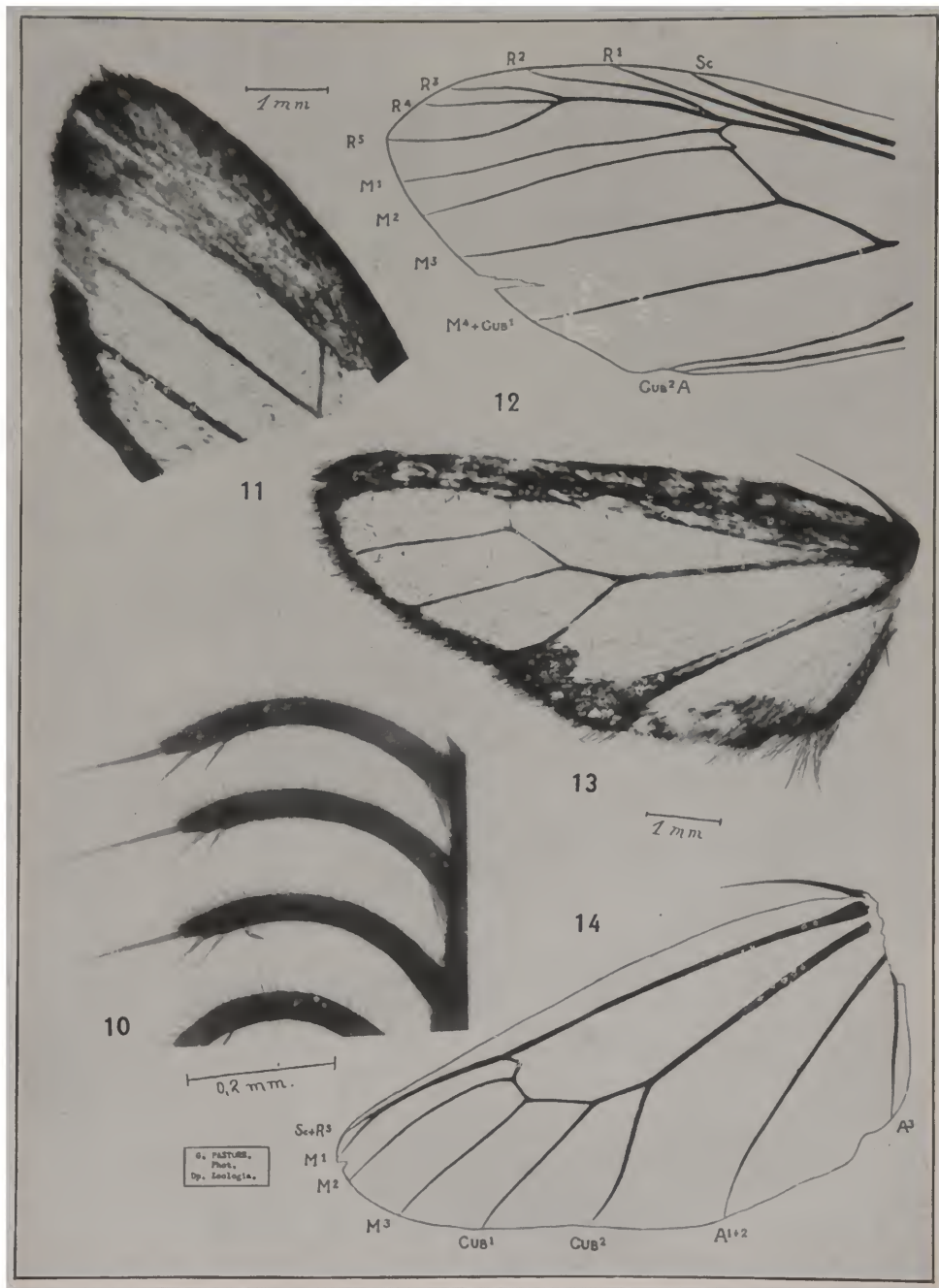
EXPICAÇÃO DAS FIGURAS

- Fig. 1 — Aspecto geral, dorsal.
- Fig. 2 — Artículos apicais da antena.
- Fig. 3 — Artículos basais da antena.
- Fig. 4 — Artículos terminais da antena.
- Fig. 5 — Face dorsal da asa direita.
- Fig. 6 — Face ventral da asa direita.
- Fig. 7 — Aspecto lateral do abdômen.
- Fig. 8 — Aspecto dorsal do abdômen.
- Fig. 9 — Aspecto dorsal do abdômen



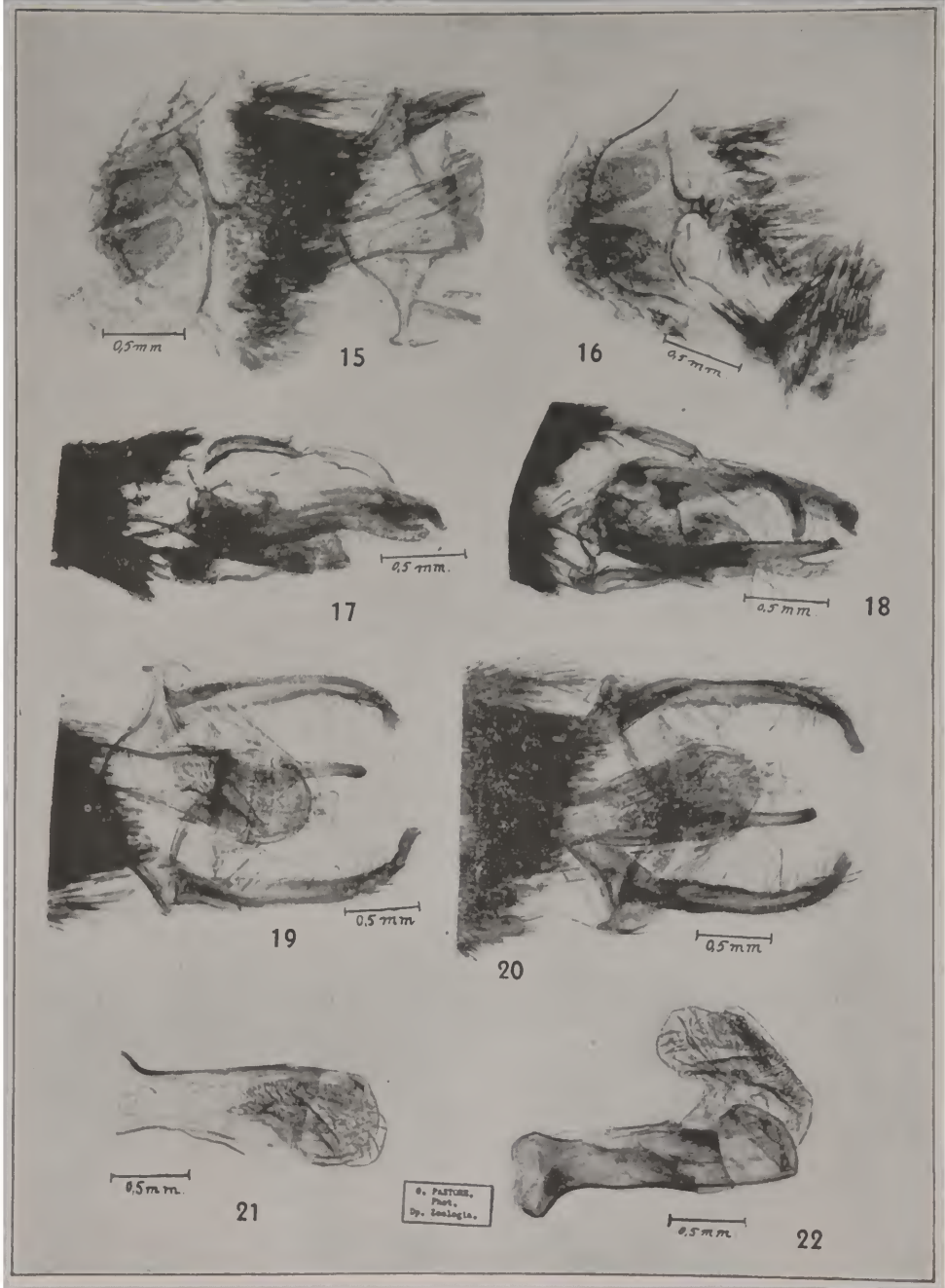
Estampa 2 (fotografias)

- Fig. 10 — Apófises antenais muito aumentadas.
- Fig. 11 — Porção apical da asa esquerda, anterior.
- Fig. 12 — Esquema da nervulação da asa (copiada da fig. 2).
- Fig. 13 — Asa esquerda posterior.
- Fig. 14 — Esquema da nervulação da asa posterior (copiada da fig. 4).



Estampa 3 (fotografias)

- Fig. 15 — Aspecto dorsal dos órgãos odoríferos.
- Fig. 16 — Aspecto ventral dos órgãos odoríferos, e abertura da cavidade.
- Fig. 17 — Perfil da genitália completa.
- Fig. 18 — Meio perfil da genitália completa.
- Fig. 19 — Aspecto ventral da genitália completa.
- Fig. 20 — Aspecto dorsal da genitália completa.
- Fig. 21 — Falosoma, com parte erétil retraída.
- Fig. 22 — Falosoma, com parte erétil desenvaginada.



Estampa 4: (desenhos a traço)

- Fig. 23 — Perfil da genitália, sem o falosoma.
- Fig. 24 — Aspecto ventral da genitália, sem o falosoma.
- Fig. 25 — Nono e décimo tergitos, aspecto dorsal.
- Fig. 26 — Aspecto da terminação do hárpago.
- Fig. 27 — Aspecto da terminação do hárpago.
- Fig. 28 — Idem, pela face ventral.

